

Intimidade: Uma Análise do Pensamento de Anthony Giddens

Intimacy: An Analysis of Anthony Giddens's Thought

Karine Brito dos Santos¹

1. Psicóloga. Mestre em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Professora do Colegiado de Psicologia do Centro Universitário Uniamérica.

karine.unb@gmail.com

Palavras-chave

Intimidade
Relacionamento viciado
Relacionamento íntimo

Keyword

Intimacy
Addicted relationship
Intimate relationship

Resumo: A intimidade é um assunto que tem despertado interesse na pós-modernidade, notadamente em razão dos desafios de constituir na atualidade relacionamentos íntimos saudáveis. Para Anthony Giddens a pós-modernidade é, na realidade, a expressão de uma modernidade tardia ou reflexiva, capaz de (re)pensar a construção da intimidade, e estabelecer limites necessários para prevenir relacionamentos fixados e viciados. Este estudo de caráter documental, objetiva analisar o conceito de intimidade na obra de Giddens “A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas”, especificamente no capítulo intitulado “O Significado Sociológico da Co-Dependência”. Ao caracterizar a construção do conceito de intimidade, entrelaçando discussões sobre a codependência, enquanto fator limitante ou bloqueador do desenvolvimento sadio da intimidade, o autor aponta a problemática das influências parentais na arquitetura dos relacionamentos interpessoais. Na modernidade reflexiva, as relações de gênero ganham novos contornos, na medida em que homens e mulheres são impelidos a repensar e reconfigurar seus papéis, demandas e expectativas, em prol de um relacionamento mais igualitário, democrático e íntimo, em detrimento de relacionamentos fixados e viciados. Conclui-se que a construção da intimidade sadia tem como condição fundamental a independência emocional e a libertação da *toxicidade* dos vínculos parentais e, para lidar com as transformações da intimidade, torna-se imperativo a reescrita da narrativa do eu.

Abstract: Intimacy is a subject that has aroused interest in postmodernity, notably because of the challenges of building healthy intimate relationships. For Anthony Giddens postmodernity is, in fact, the expression of a late or reflexive modernity, capable of (re)thinking the construction of intimacy, and setting the necessary limits to prevent fixed and addicted relationships. This paper aims to analyze the concept of intimacy in Giddens's work “The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies”, specifically in the chapter entitled “The Sociological Meaning of Co-Dependence”. By characterizing the construction of the concept of intimacy, interweaving discussions about codependency, as a limiting or blocking factor for the healthy development of intimacy, the author points out the issue of parental influences in the architecture of interpersonal relationships. In reflexive modernity, gender relations take on new shapes, as men and women are compelled to rethink and reconfigure their roles, demands and expectations, in favor of a more egalitarian, democratic and intimate relationship, to the detriment of fixed and addicted relationships. The construction of healthy intimacy has as its fundamental condition the emotional independence and liberation of the toxicity of parental bonds and, to deal with the transformations of intimacy, the rewriting of the narrative of the self is imperative.

Artigo recebido em: 15.07.2019

Aprovado para publicação em: 07.08.2019

INTRODUÇÃO

A intimidade compreende o ato de se mostrar para as pessoas ao nosso redor. A cada momento, o que fazemos e o que fazemos expressa algo ao nosso respeito. Até mesmo os silêncios e as omissões comunicam

sobre nós. Ter intimidade é, portanto, estar disposto a vivenciar um “compartilhamento completo e irrestrito do eu” (KELLY, 2007. P. 17). Para o autor, na esfera dos relacionamentos interpessoais, a vivência da intimidade se estreita e, ao mesmo tempo, gera uma grande contradição. Por um lado, há a busca pela intimidade, uma ânsia em conhecer e saber sobre o outro e mostrar de si, e por outro, uma evitação, em geral por medo, talvez pela dificuldade em lidar com as implicações imprevisíveis do seu aprofundamento.

No universo das mudanças na vida pessoal dos indivíduos, um fato histórico relevante que influenciou e tem reflexos até os dias atuais é, sem dúvida, a revolução sexual que ocorreu nas últimas décadas. A sexualidade sem exigência de reprodução, o uso de contraceptivos eficazes, a autonomia social das mulheres com relação aos homens no campo profissional, são algumas questões que emergem nesse contexto. Uma abertura e liberalização sem precedentes se instituiu pouco a pouco na esfera da intimidade (GIDDENS, 1993).

É notória a revitalização do campo das Ciências Sociais a partir das obras do sociólogo inglês Anthony Giddens, com destaque para o livro *Consequências da Modernidade*, publicado em 1990. As suas contribuições no âmbito da Teoria Social contemporânea são reconhecidamente significativas nas últimas décadas. Lenzi (2006) atribui a sua relevância ao fato do autor expressar de modo peculiar os problemas sociais mais críticos, sendo capaz, em contrapartida, de propor caminhos teóricos consistentes para enfrentar os desafios delineados.

Dentre as questões emergentes, destaca-se o papel da sexualidade na cultura moderna, aspecto que Giddens questiona e reflete na sua obra intitulada “A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas”. O autor aponta como pedra de toque da transformação da intimidade, a reflexividade. Assim, ao se libertar das tradições, dos tabus e dos constrangimentos morais, os indivíduos são impelidos a construir a si mesmos e, com isso, acabam por reconstruírem as suas relações interpessoais. Isso é o que o autor chama de reescrita da narrativa do eu, uma condição fundamental para conseguir lidar de maneira produtiva e sadia com as transformações da intimidade.

Este estudo pretende, portanto, analisar o conceito de intimidade no capítulo – “O Significado Sociológico da Co-Dependência”. A escolha deste recorte da obra de Giddens teve como parâmetro a possibilidade de caracterização mais detalhada da temática intimidade, a partir do cotejo apresentado pelo autor, entre as características dos relacionamentos viciados *versus* relacionamentos íntimos e, também, devido às interconexões temáticas com as noções de parentesco, paternidade e maternidade. Assim, este capítulo engloba tanto uma visão conceitual da intimidade, quanto uma visão reflexiva sobre como se dá o seu aprendizado no contexto familiar.

A reflexão a respeito das transformações da intimidade é fundamental para que possamos compreender melhor as novas estruturas, funções e essência das relações de gênero estabelecidas a partir da revolução sexual. Se por um lado a liberdade sexual trouxe um vislumbre de uma democratização na esfera pessoal, por outro suscita desafios e dilemas que precisam ser eleitos como eixo de reflexão.

Primeiramente será apresentada uma problematização geral da temática intimidade e o *status* global do assunto na atualidade, inclusive considerando o espaço virtual inter-relacional da Web. Em paralelo, o viés teórico da *modernidade reflexiva*, que fundamenta as análises de Giddens será pontuado, levando em conta as suas principais preocupações e observações sobre a questão da sexualidade, nas suas correlações diretas e indiretas com a intimidade em transformação nas sociedades modernas. Longe de ser exaustivo, o artigo pretende elucidar do ponto de vista conceitual, o que realmente Giddens considera como intimidade, e suscitar, possivelmente, questionamentos sobre a sua construção e o impacto das transformações da intimidade na vida cotidiana.

INTIMIDADE: UM OBJETO DE ANÁLISE

No livro “A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas” Giddens (1993) aborda a questão da intimidade circunscrita ao tratamento da modernidade tardia ocidental. O autor traz a reflexividade como parâmetro para análise e compreensão das mudanças da intimidade, ressaltando o papel da mulher como agente catalisador das novas configurações interacionais de cunho socioafetivo que se estabelecem frente as transformações da intimidade.

No oriente, guardadas as devidas proporções, as transformações da intimidade também ocorrem, mas, sem dúvida, em contextos sociais adversos, como analisa Silva (1997), com relação a situação de Marrocos. Para a autora, ao estudar narrativas individuais de mulheres marroquinas, sobre sexualidade e gênero, considerando, sobretudo o episódio chocante – Tabitgate, no qual em 1993, centenas de mulheres foram violentadas por um comissário da polícia de Casablanca – foi possível aprofundar a questão paradigmática relacionada à violência de gênero, na medida em que despertou uma espécie de crise reflexiva com relação à prepotência institucional e das relações de gênero. Do privado, protegido pela tradição, ao público, a intimidade e a sexualidade no contexto marroquino vieram à tona e, questões latentes e nevrálgicas como, por exemplo, o papel das mulheres e a prepotência masculina, foram inevitavelmente evocadas e postas em xeque.

No mundo virtual, as transformações da intimidade alçam vãos ainda maiores, como aborda Amarante (2009) na sua dissertação sobre a revelação da privacidade consentida no uso de blogs. A autora questiona se a realidade virtual do blog, que assume por vezes a função de um diário, pode desvendar a intimidade. Aborda ainda que, essa inovação sócio-técnica, que data de 1998 e cresce a cada dia, vai do íntimo e pessoal – antes guardado a sete chaves, para a publicização da internet, atijando a curiosidade alheia.

Na medida em que as relações de gênero são contestadas e re-negociadas ao longo do período moderno, a transversalidade temática da intimidade na modernidade tardia analisada por Giddens (1993) ganha contribuições teóricas notáveis. Bauman (2001) argumenta de modo pontual sobre as relações humanas na *modernidade líquida*, no intuito de compreender em profundidade a oposição entre o público e o privado. Alberoni (1989) lança também um curioso olhar sobre a intimidade ao explorar o fenômeno da amizade em suas graduações. E, sem dúvida, outro viés interessante é o aprofundamento temático proposto por Kelly (2007), no livro intitulado “Os Sete Níveis da Intimidade”, no qual o autor esmiúça o conceito de intimidade, a fim de compreender como é possível experimentá-lo de modo verdadeiro, a fim de estabelecer vínculos fortes e duradouros.

A (RE)CONSTRUÇÃO DA INTIMIDADE

As questões relativas às transformações da intimidade, ontem ou hoje, versam sobre as interações, os relacionamentos, o cotidiano, as relações de poder e confiança. Em Beck et al (1997), a concepção de reflexividade é eleita por Giddens como eixo da análise das transformações da tradição à modernidade, considerando a necessidade incontestável de reconstituição da intimidade. Este movimento de pensar sobre o que passou ou de refletir sobre as conseqüências do período considerado moderno é denominado por Giddens de *modernização reflexiva*. Para o autor, a “modernização reflexiva diz algo sobre a modernidade tardia refletindo sobre as limitações e dificuldades da modernidade mesma” (GIDDENS, 1998, p. 126).

Na medida em que as mulheres saem em busca da igualdade, uma mudança substancial nas relações humanas se configura e, tanto homens quanto mulheres, passam a rever seus papéis uns diante dos outros. Mas, é justamente nesse contexto de modificações na esfera da intimidade, que a dominação sexual masculina é questionada e combatida, e surge o imperativo de ambos os sexos terem, que começar a lidar de fato com as implicações deste fenômeno. É neste sentido também que uma revolução na existência interpessoal se configura, e os indivíduos se vêem ora surpresos com a crise de identidade (HALL, 2003), ora impelidos a se engajar nessas mudanças sociais (GIDDENS, 1993).

A temática da sexualidade é introduzida por Giddens (1993) a partir de um paralelo entre o domínio público e privado, sendo que, embora seja de caráter essencialmente privado, e tenha se mantido assim por muito tempo ao longo da história, hoje, o sexo tem contornos eminentemente públicos, a exemplo da revolução sexual que ocorreu nas últimas décadas. O autor versa sobre a faceta biológica da sexualidade, no seu caráter permanente de preservação da espécie, e a correlação entre esta e a liberdade, tão almejada nas sociedades modernas.

Ao escrever sobre sexo, Giddens se depara com temas como amor e gênero, concentrando-se na esfera emocional da condição da mulher enquanto importante agente de transformação, sobretudo, na busca de relacionamentos com igualdade sexual e emocional, bases do denominado *relacionamento puro*. Naturalmente, esta proposta de caráter mais libertário e democrático, viria promover profundas mudanças no paradigma amoroso vigente, de superestimulação sexual e, ao mesmo tempo, estabelecer um resgate à utopia do *amor romântico*.

As influências do *amor romântico* são discutidas no âmbito das diferenças de gêneros, estando as mulheres, evidentemente, mais sensíveis a este apelo. Considerado como precursor do relacionamento puro, o *ethos* do amor romântico tem um papel relevante na constituição da intimidade na medida em que possibilita o estabelecimento de um vínculo emocional durável com o outro. São faces desta mesma moeda a abordagem ao que Giddens chama de sexualidade plástica, caracterizada como a sexualidade destituída ou liberta das necessidades de reprodução. É também vista como um traço da personalidade, estando por isso vinculada ao eu. Essa perspectiva traz aspirações de cunho emancipatório para a mulher, que passa a reivindicar o prazer sexual e, remete ao ostracismo, o falocentrismo, símbolo hegemônico da experiência sexual masculina.

Na tentativa de desvendar a história emocional secreta das sociedades modernas, Giddens, investiga a trajetória sexual dos homens, aborda a questão do controle destes sobre as mulheres, e trata inclusive das implicações últimas deste comportamento no tocante à violência contra a mulher. É neste cenário, repleto de tensões, que se dão as transformações da intimidade, um movimento que consiste em uma manobra radical, mas que almeja superar ou transpor o *abismo emocional* que se instituiu entre os sexos em virtude de todas essas problemáticas levantadas anteriormente.

Giddens pontua o caráter ambíguo da intimidade, na medida em que esta é considerada por vezes opressiva, se encarada como “uma exigência emocional constante” e, outrora como “uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais”. Este último viés confere um caráter completamente distinto à intimidade, e eleva o seu status no sentido de *democratização do domínio interpessoal*, o que o autor correlaciona, ao final da obra, com o contexto da democracia na esfera pública.

A tônica central do trabalho de Giddens não se resume a cotejar as questões da sexualidade e da intimidade intrinsecamente, e sim sugerir, quando não colocar em evidência, as influências das transformações destas nas instituições modernas como um todo, enfatizando o caráter revolucionário e profundo destas mudanças na vida social.

Pensar sobre o *significado sociológico da co-dependência* – recorte analítico da obra de Giddens aqui eleito enquanto objeto de análise, é detalhar o conceito de intimidade no sentido de compreender porque, e talvez como, a crescente autonomia feminina, e o advento da sexualidade plástica, constituem fatores desencadeantes das transformações da própria intimidade. Isso porque dificilmente haverá realização emocional verdadeira, no sentido de transformadora, ou com capacidade e intenção de, em se tratando de relacionamentos estabelecidos com base na codependência.

Para Giddens o termo codependência refere-se ao que genericamente se traduz como “papel feminino”, embora esta condição não seja limitada somente às mulheres. De um lado tem-se a figura do homem galã, conquistador, o famoso garanhão, que arrebatava as mulheres a fim de realizar encontros sexuais de curta duração. Do outro lado, estão as mulheres, a fim de envolvimento longos, não raros dolorosos e desastrosos. É claro que esses papéis não são tão rígidos assim hoje em dia, e as posições dos homens são assumidas naturalmente pelas mulheres.

O autor caracteriza as mulheres codependentes como protetoras, ou seja, as que por natureza necessitam de cuidar. Esse é, sem dúvida, um ponto de partida para a reflexão de como as mulheres tornaram-se codependentes ao longo do tempo. Giddens considera que inconscientemente as mulheres prevêm que essa inclinação altruística, se é possível assim dizer, seria mal recebida pelo homem, uma ironia triste e, ao mesmo tempo, frustrante para o universo feminino.

A natureza da codependência está, em última análise, em ser dependente da dependência, o que está mais ligado a um tipo de personalidade do que a um relacionamento específico, sendo, portanto geralmente caracterizado pela busca excessiva da aprovação dos outros, vivendo em torno de suas necessidades.

A análise da condição da codependência é fundamental para adentrar no universo da intimidade, pois, vê-se que o indivíduo codependente é inseguro, carente e incapaz de sentir autoconfiança, o que constitui séria barreira para o desenvolvimento da intimidade e de qualquer projeto de reestruturação em prol da realização emocional. Por isso faz-se necessário compreender as nuances do relacionamento fixado, a fim de cogitar as possíveis mediações que a falta de intimidade pode gerar.

Um relacionamento fixado, seja centrado em uma dependência compulsiva ou na condição de codependência, revela em si algum tipo de compulsividade, como no caso do “papel feminino”, o mergulho no universo doméstico e o envolvimento com o cuidar dos filhos. Há uma grande expectativa de encontrar segurança através do relacionamento e, por vezes, esses relacionamentos tornam-se ainda mais turbulentos quando, na reflexão de Giddens (1993, p. 102), “as pessoas estão vinculadas por formas de antagonismos mútuos das quais são incapazes de se libertar”.

É justamente o trabalho de libertação desses relacionamentos viciados, realizados comumente no contexto de terapia que, para Giddens, denuncia as transformações estruturais que influenciam esses relacionamentos. E, também, neste ponto, são estabelecidas as pontes de conexão entre as transformações da intimidade e o *projeto reflexivo do eu*, ao modo de uma “conversa consigo mesmo” ou “momento reflexivo”, proposta que se torna impraticável quando o relacionamento é desenvolvido e mantido a partir de laços viciados.

Dentre os fatores que coíbem a manifestação da intimidade, tal como Giddens propõe, ressalta-se a submersão da autoidentidade no outro, e a falta de abertura ao outro. E, para o autor, a reflexividade é uma condição importante para a superação do vício. Entretanto esta, por si só, não é capaz de fazer a sua remissão. Isto implica considerar o aporte tanto cognitivo como comportamental no tocante a terapêutica a ser empreendida.

Em correlações sobre o vício e a questão da intimidade, Giddens comenta sobre a fusão do eu com o outro no caso do relacionamento viciado. Para o autor, uma identidade falsa é construída e mantida por fontes externas, e tem como prescrição terapêutica a renúncia à tentativa de controlar os outros, característica da codependência, uma porta oportuna de libertação de envolvimento obsessivos e para a constituição de relacionamentos não-viciados.

A importância da delimitação dos limites pessoais é outro aspecto abordado pelo autor como dificultador da prática da intimidade. Saber o que pertence a quem psicologicamente é importante para neutralizar os efeitos da identificação projetiva. Esses limites são fundamentais por sua vez para a manutenção da intimidade. Segundo Giddens, a “intimidade não significa ser absorvido pelo outro, mas conhecer as suas características e tornar disponíveis as suas próprias. Paradoxalmente, a abertura para o outro exige limites pessoais, pois é um fenômeno comunicativo”. O autor salienta ainda que a intimidade exige “sensibilidade e tato, pois não é o mesmo que viver absolutamente sem pensamentos particulares” (GIDDENS, 1993, p. 106).

O cotejo entre relacionamentos viciados *versus* relacionamentos íntimos, proposto por um terapeuta na obra de Giddens, ainda que com ressalvas do próprio autor, é um excelente ponto de partida para se pensar a respeito de algumas das características tendenciosas da transformação da intimidade.

Eis pelo menos dez características do relacionamento íntimo, capazes de sugerir a abrangência do conceito de intimidade proposto por Giddens: 1. Desenvolvimento do eu como a principal prioridade; 2. Desejo de uma satisfação a longo prazo; 3. Equilíbrio e mutualidade no relacionamento; 4. Compartilhamento das vontades, dos sentimentos e avaliação do que o seu parceiro significa para você; 5. Franqueza; 6. Compreensão da individualidade um do outro; 7. O relacionamento está sempre mudando; 8. Preocupação saudável com o bem-estar e a evolução do parceiro, com desprendimento; 9. O sexo deriva da amizade e da proteção; 10. Solução conjunta dos problemas.

Em contrapartida, eis pelo menos cinco aspectos constituintes do relacionamento viciado, capazes de comprometer qualquer tentativa de soerguer a intimidade em um relacionamento: 1. Necessidade de uma gratificação imediata; 2. Manipulação; 3. Falta de confiança; 4. Tentativas de mudar o parceiro para satisfazer às próprias necessidades; 5. Culpar a si mesmo ou ao parceiro pelos problemas.

Considerando as contradições reais da vida pessoal, este cotejo anuncia as tendências evolutivas das transformações da intimidade e traz, nas suas entrelinhas, evidências da democratização da vida cotidiana. De um pólo ao outro, a ascensão da proposta de relacionamento viciado para o relacionamento íntimo, revela o que Giddens chama de “quadro de emancipação”. E, esta mudança substancial, embora possa gerar aparentes autocontradições, como por exemplo, ter como prioridade o desenvolvimento do eu, quando se busca o equilíbrio e mutualidade no relacionamento, representa um reclamo tardio às limitações impostas pela civilização moderna.

Em uma análise mais acurada, vê-se que as transformações da intimidade não se restringem as questões relacionadas ao sexo e ao gênero, transcende e revela uma mudança estrutural na ética pessoal. Giddens aponta para o empobrecimento das relações de parentesco nas sociedades modernas, na qual a família nuclear perde o seu status, e surgem novos laços de parentesco - as famílias recombinações, a partir da separação e do divórcio. Este novo quadro, reconfigurado, envolve modificações nas relações entre os membros, outrora baseadas na confiança inerente à família intacta e, agora, requer a necessidade de renegociação desta confiança e renovação do compromisso, ao modo das práticas comuns aos relacionamentos sexuais. O próprio relacionar-se com a família torna-se uma atividade mais complexa e problemática, que envolve o processo de decisão constante de lidar com os parentes e de estabelecer “compromissos negociados”, os quais constituem as bases para a construção de uma nova ética pessoal na vida cotidiana.

Aprofundando ainda mais esta questão, chega-se ao sítio da paternidade/ maternidade. Se, neste âmbito maior da família, que é a instituição cerne da sociedade atual, essas novas configurações já influenciam na questão pessoal, certamente é não difícil identificar indícios operativos deste mesmo mecanismo na interação adulto-criança – terreno que constitui, por assim dizer, o subsolo da intimidade.

Retomar os laços pais-filhos negociados nos primeiros anos de vida da criança pode, no olhar de Giddens, desvendar não somente o evidente desequilíbrio de poder entre essas duas forças, mas também colocar em xeque as posições irretocáveis dos pais biológicos, e questionar até mesmo a qualidade dos relacionamentos estabelecidos até então. Estas proposições podem explicar, quando não traduzir, os significados subjetivos elaborados a partir de relacionamentos cumulativos, em que, por exemplo, determinado filho sente-se responsável ou sensível a cuidar dos pais, e outro não. Esta opção ou escolha seria fruto do desenvolvimento da intimidade entre pais e filhos?

É sabido que as atitudes e condutas dos pais moldam a personalidade e tendências dos filhos. Assim, no tocante a intimidade Giddens avalia a complexidade desse quadro familiar socialmente construído, no contraste entre os pais manterem a autoridade e desenvolverem um relacionamento afetuoso, aspecto característico da maternidade e, posteriormente, na ideia de estreitar os laços emocionais íntimos com os filhos, ao mesmo tempo em que reconhece a sua autonomia. Esta última proposta, considerada por vezes como “permissiva”, constitui na verdade, como uma alternativa para a educação dos filhos, a partir da qualificação do relacionamento, e da substituição da relação de autoridade dos pais pela construção da intimidade com os filhos. Até que ponto o despertar da transformação da intimidade está intrinsecamente relacionado com a queda ou abdicação da autoridade ou do controle sobre o outro, seja na esfera pessoal, conjugal, interpessoal ou familiar?

A resposta a essa pergunta suscita outro questionamento, este realizado por Giddens: “Por que uma ‘libertação do passado’ é tão importante para que se atinja a intimidade?”. Uma resposta clássica seria: as reminiscências do passado fazem mediação no presente, ainda que de modo inconsciente. Assim, indivíduos com dificuldade de desenvolver vínculos pessoais íntimos com os outros necessitam revisitar a sua história de vida familiar, a fim de exorcizar os fantasmas do passado, desaprendendo o que aprendeu de errado, e reconstruindo as suas noções de intimidade.

Segundo Pais (2007), o processo de transformação da intimidade, no sentido de levar o indivíduo a conseguir um domínio de si, pode ser auxiliado por uma série de “instrumentos de reflexividade”, tais como terapias, livros de autoajuda, sessões de aconselhamento, dentre outras maneiras. Giddens (1993) aponta a terapia como um instrumento de apoio importante na cultura moderna, sendo, portanto, um meio necessário para “tratar o passado” ou reelaborar as memórias emocionais, dentro das questões inerentes ao *projeto reflexivo do eu*. A partir daí surge a possibilidade de reescrita da *narrativa do eu*, quando há um rompimento cognitivo e emocional com o passado.

A incapacidade para se separar é um exemplo ilustrativo de como a experiência passada pode servir para promover transformações significativas na intimidade. Neste momento crítico, o indivíduo tem a chance, em vez de repetir padrões de relacionamentos similares, refletir e aprender com o que deu errado no relacionamento findo, aproveitando a experiência para crescer, e melhorar o relacionamento futuro.

Outro exemplo que impacta na expansão da intimidade é o que Giddens chama de pais tóxicos. São pais que reforçam a dependência, ainda que acreditem ajudar os filhos. Causa danos a autoestima do filho e boicota qualquer iniciativa de independência destes. Alguns pais abdicam de suas responsabilidades parentais,

agindo inadequados emocionalmente. Sutil ou explícita, a influência dos pais é irrefutável, seja por serem controladores, indiferentes e até mesmo por abusar sexualmente dos filhos.

A reelaboração desses laços afetivos com os pais é fundamental para se atingir a independência emocional, uma espécie de reavaliação dos “termos em que a interação pais-filhos está baseada”. O objetivo é alcançar uma equidade no relacionamento, a partir do exercício da liberdade de escolha.

A linha mestra da análise do conceito de intimidade neste capítulo da obra de Giddens – O significado sociológico da co-dependência – pretende modificar a narrativa do eu, ou seja, para rever a intimidade no sentido de transformá-la, é preciso declarar independência emocional dos pais. Pois uma experiência de vida com pais tóxicos, por exemplo, impede que o indivíduo se sinta emocionalmente confortável, e consiga estabelecer vínculos de intimidade saudáveis, revelado pela “incapacidade do indivíduo de se aproximar de outros adultos como sendo emocionalmente iguais”.

A possibilidade de coexistência, pacífica, entre a autoridade dos pais e a “liberalização na esfera pessoal” é uma questão pontual na análise do conceito e construção da intimidade. Vê-se que a análise dos laços pais-filhos é caminho importante, para não dizer inevitável, quando se busca compreender as transformações da intimidade, visto que esta é construída inicialmente, pelo menos, as fundações, a partir da interação parental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de intimidade, considerando toda onda de transformações que surgiram a partir da revolução sexual, é um somatório de experiências, contextos, superações, decepções e resquícios da modernidade. Refletir sobre a intimidade é enxergar as novas possibilidades de atuação frente as questões que entremeiam as relações de gênero na atualidade.

A obra de Giddens “A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas” é referência importante para aprofundar os estudos sobre intimidade na atualidade. Através de análise do capítulo “O Significado Sociológico da Co-Dependência” pode-se constatar que a mulher codependente tem como característica peculiar a proteção e a busca pela manutenção do tradicional “papel feminino”. A família é considerada o substrato primário de desenvolvimento da intimidade, sendo, portanto fundamental aprofundar o estudo de seus vínculos, tanto no tocante a sua natureza, quanto referente à sua qualidade.

A transmutação do padrão de relacionamento fixado e viciado, para a construção sadia de um relacionamento íntimo requer reformas íntimas de ambos os sexos. A mulher codependente é naturalmente protetora, e isso é alimentado devido ao forte apelo da tradição, que ainda assegura o cuidado e a proteção a condição essencialmente feminina. Já o homem, enfrenta o desafio de lidar com a construção de um novo padrão de relacionamento, em que a sua ascendência já não é mais garantida, esperada e, sobretudo, desejada.

A retrospectiva da experiência familiar pode ajudar o indivíduo a estabelecer comparações interessantes com os padrões de relacionamentos atuais, abrindo espaço para uma reforma no *projeto reflexivo do eu*, e atualização evolutiva da sua intimidade e da autoidentidade como um todo. A compreensão do aspecto intergeracional é condição *sine qua non* para desfazer os mitos, fantasmas e preconceitos que sobrevoam o terreno da intimidade na idade adulta.

Conclui-se que, a análise do conceito de intimidade, sob o viés da codependência, possibilita um aprofundamento até certo ponto etiológico, na medida em que permite compreender um conjunto de condições que contribuem para o desenvolvimento sadio ou patológico da intimidade.

Giddens aponta a transformação dos laços dos filhos com os pais, bem como a independência emocional dos pais como fatores essenciais para a superação dos obstáculos gerados nas relações interpessoais de cunho íntimo. Reavaliar os termos da relação parental passada, pode dar pistas para compreender as dificuldades enfrentadas no presente no âmbito da intimidade.

Certamente, o desafio maior no tocante a questão das transformações da intimidade na atualidade consiste em sair de relacionamentos viciados e construir relacionamentos íntimos. A abordagem de Giddens no que concerne a modernidade reflexiva traz contribuições valiosas para que o conceito de intimidade possa ser mais profundamente compreendido e vivenciado no cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, F. **A Amizade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

AMARANTE, Maria Tereza Teixeira. **Os blogs e os blogueiros**: entendendo as transformações da intimidade nas casas digitais. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política), Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2210/1/tese.pdf>>. Acesso em: 17 de julho de 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Transformações da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas; São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Conversations with Anthony Giddens**: making sense of modernity. PIERSON, C. (ed.). Cambridge: Polity Press, 1998

HALL, Stuart. **Identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KELLY, M. **Os sete níveis da intimidade**: a arte de amar e a alegria de ser amado. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

LENZI, Cristiano Luis. Para uma imaginação sociológica da ecologia: uma análise do pensamento de Anthony Giddens. **Rev. Ambient. Soc.**, Campinas, v. 9, n. 1, Jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2006000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jul. 2009. Doi: 10.1590/S1414-753X2006000100006.

PAIS, José Machado. Cotidiano e reflexividade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 98, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2009. Doi: 10.1590/S0101-73302007000100003.

SILVA, M. C. **O Islão Plástico**. Transformações da Intimidade em Contexto Popular Marroquino. *Etnográfica*, vol. 1, n. 1, 1997. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_01/N1/Vol_i_N1_57-72.pdf>. Acesso em: 17 de julho de 2009.

